

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT18.017

O PROJETO DE VIDA QUE TAMBÉM ME TRANSFORMOU: APRENDIZADOS DE UM EDUCADOR

Luiz Eduardo Torres dos Santos¹
José Rogério Vieira Evangelista²

RESUMO

Esse relato de experiência traz a vivência dos últimos dois anos lecionando a disciplina de Projeto de Vida na Escola Estadual de Educação Profissional Rita Aguiar Barbosa no município de Itapipoca Ceará. As práticas realizadas nessa disciplina seguem uma linha dialógica, deixando o aluno como o total centro do desenvolvimento, pois são vivências do sentimento de cada educando frente a um tema proposto, seja com músicas, textos, vídeos e imagens, tornando-se a sala de aula o local ideal para uma ressignificação de emoções ou mesmo colocar em lágrimas o que a tempos estava silenciado, entretanto, o que de início foi pensado ser unilateral, eu ensinando e eles aprendendo, acabou por me atravessar de uma forma inquietante sobre meus sentimentos e olhares para com o ato de educar, aguçou meu olhar para o além de números de uma chamada, percebendo o emaranhado de histórias que existe em cada estudante, pude compreender que a escuta e a empatia podem transformar não somente quem fala, mas toca a alma do ouvinte, torna mais humano e

- 1 Graduado do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará - UECE, Mestre do curso de Climatologia da Universidade Estadual do Ceará - UECE eduardobioquimico@yahoo.com.br
- 2 Graduado do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Ceará - UFC, Especialista no Ensino de Matemática e Física, professorrogerioevangelista@gmail.com

não só nessa disciplina, mas abre portas para humanizar outras matérias que são lecionadas pelo mesmo professor, pois não há uma separação do olhar para aqueles que são fragilizados. Compreendi neste processo, que não se tratava somente do projeto de Vida deles, mas do meu, que a transformação acontece em todo aquele que vivencia o processo de reflexão e que algumas feridas devem ser revisitadas para curar. Humanidade e presença podem transformar muitas vidas, inclusive a do professor.

Palavras-chave: Projeto de Vida, Relato de Experiência, Ressignificação, Transformação Mútua, Empatia.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, especialmente após o período pandêmico, a escola brasileira passou por transformações significativas em sua forma de compreender o papel das emoções, das relações humanas e do acolhimento no processo educativo. A pandemia da COVID-19 evidenciou de maneira contundente a importância da saúde mental e emocional para o desenvolvimento integral dos estudantes. No retorno às atividades presenciais, tornou-se evidente o quanto o isolamento social, as perdas e as incertezas afetaram os vínculos interpessoais, a motivação e o desempenho escolar. Nesse contexto, as disciplinas de cunho socioemocional emergiram como instrumentos fundamentais para restabelecer o equilíbrio emocional e reconstruir o sentido de pertencimento dos alunos ao espaço escolar.

As vivências observadas revelaram que acolher vai muito além de um gesto simbólico de boas-vindas. Trata-se de um movimento pedagógico e afetivo que envolve reconhecer, escutar e legitimar as diferentes histórias, medos e esperanças que cada estudante carrega consigo. A escola, nesse sentido, passa a ser mais do que um espaço de transmissão de conteúdos: torna-se um ambiente de experiências significativas, de diálogo e de reconstrução de subjetividades. Assim, compreender o aluno em sua totalidade – cognitiva, emocional, social e espiritual – é condição essencial para que o processo educativo seja efetivamente transformador.

De acordo com Silva et al. (2019), o ambiente escolar, por ser um espaço de convivência diária, deve ser acolhedor, organizado e emocionalmente seguro, de modo que os estudantes se sintam à vontade para expressar-se e participar ativamente. O ambiente de ensino-aprendizagem precisa favorecer a escuta, a empatia e o não julgamento, permitindo o florescimento de vínculos e a construção coletiva de significados. Sob essa perspectiva, o componente curricular Projeto de Vida ganha destaque, pois oferece um espaço institucionalizado para o diálogo sobre emoções, escolhas, identidade e futuro.

A partir dessa compreensão, o presente relato de experiência busca compartilhar reflexões sobre a vivência do professor no desenvolvimento do componente curricular Projeto de Vida, na Escola Estadual de Educação Profissional Rita Aguiar Barbosa, situada em Itapipoca, Ceará. O trabalho foi desenvolvido entre setembro de 2023 e setembro de 2025, junto às turmas do 1º ano do ensino médio técnico dos cursos de Administração, Enfermagem, Multimídia e Redes de Computadores. Trata-se de uma escola de tempo integral, na qual os alunos ingressam às 7h e permanecem até as 16h40, cumprindo uma jornada de nove aulas diárias, intercaladas por intervalos destinados à alimentação e ao descanso. Esse formato ampliado de permanência potencializa o convívio e intensifica as relações interpessoais, tornando o ambiente propício à observação e ao exercício de competências socioemocionais.

O projeto de Vida, elaborado pelo Instituto Aliança e orientado pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), tem como eixo central a promoção do autoconhecimento, da autonomia e da reflexão sobre os próprios caminhos formativos e existenciais. Dentro dessa proposta, os estudantes são convidados a refletir sobre seus sonhos, medos, valores e propósitos, compreendendo que a construção do futuro não se dá de forma isolada, mas em interação com o outro e com o contexto social que os cerca. Assim, a disciplina se configura como uma oportunidade de aprendizagem sobre si e sobre o mundo.

A relevância dessa experiência ampliou-se no contexto pós-pandemia, período em que o corpo docente passou a identificar um aumento expressivo de casos de ansiedade, insegurança e dificuldades de socialização entre os jovens. Tais manifestações emocionais exigiram da escola um novo olhar – mais sensível e integrador – sobre os processos de ensino e aprendizagem. O papel do educador, então, transcende a mera função de transmissor de conhecimentos, assumindo uma postura mediadora, empática e reflexiva. Essa dimensão relacional aproxima-se da visão freireana de educação, segundo a qual “o educando se reconhece conhecendo os objetos, descobrindo que é capaz de conhecer” (FREIRE, 2014,

p. 96). A experiência pedagógica, nessa perspectiva, é também um exercício de libertação, pois permite ao aluno tomar consciência de si e de sua potência transformadora.

O relato que se apresenta é, portanto, mais do que uma descrição de atividades: é o registro de um processo formativo e vivencial, que envolveu tanto os estudantes quanto o próprio docente. A cada aula, o professor vivenciou um duplo movimento – o de ensinar e o de aprender com as narrativas, emoções e reflexões compartilhadas pelos alunos. Essa troca contínua provocou não apenas o crescimento dos discentes, mas também um processo de autoformação docente, no qual o professor passou a reconhecer-se como sujeito em permanente construção.

Além de relatar as ações desenvolvidas, o presente estudo propõe discutir os impactos das práticas socioemocionais na dinâmica escolar, destacando como o Projeto de Vida contribuiu para o fortalecimento de vínculos, o desenvolvimento da empatia e a melhora no ambiente de convivência. O objetivo central é evidenciar as transformações observadas nas percepções e atitudes dos estudantes e no próprio modo de ser e agir do educador ao longo das atividades realizadas. Busca-se, ainda, compreender como a inserção sistemática dessas práticas favorece o desenvolvimento de competências pessoais e interpessoais, alinhadas às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a formação integral e o protagonismo juvenil.

Em termos metodológicos, o estudo configura-se como um relato de experiência de caráter qualitativo, uma vez que parte da observação participante, das vivências cotidianas e das reflexões construídas ao longo do processo. A partir de uma abordagem interpretativa, a análise das experiências busca captar os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos ao contexto educacional vivido, reconhecendo que a realidade escolar é dinâmica, complexa e permeada por dimensões emocionais, cognitivas e culturais.

Dessa forma, este trabalho se justifica pela necessidade de registrar e refletir sobre práticas pedagógicas que valorizam o ser humano em sua

integralidade, reafirmando o papel social da escola como espaço de formação ética, emocional e cidadã. Em um tempo marcado por crises de valores, desinformação e fragilidade nas relações humanas, experiências como esta reafirmam a importância do educador que acolhe, escuta e acompanha seus estudantes para além das notas e do desempenho acadêmico. Como lembra Freire (2014), a educação deve ser um ato de amor e coragem, capaz de promover a humanização e a esperança.

Assim, este relato pretende contribuir para o debate sobre a relevância das disciplinas socioemocionais no contexto da educação profissional e tecnológica, apresentando evidências de que práticas voltadas ao autoconhecimento e ao cuidado emocional não apenas fortalecem o processo de aprendizagem, mas também favorecem o desenvolvimento de comunidades escolares mais solidárias, reflexivas e humanizadas.

Em síntese, esta introdução propõe um olhar ampliado sobre o papel do educador e do estudante no processo de ensino-aprendizagem, compreendendo que ambos se constituem mutuamente na experiência, e que é nesse encontro – entre emoção, reflexão e ação – que a educação se torna verdadeiramente transformadora.

METODOLOGIA

A experiência ocorreu na EEEP Rita Aguiar Barbosa, no município de Itapipoca, que dista 136 KM de Fortaleza, capital do estado do Ceará, entre setembro de 2023 a setembro de 2025, com turma de 1º ano do ensino médio.

O critério de escolha das turmas se deu por lotação de sala de aula, realizada pelo núcleo gestor da escola, fator esse que não teve interferência do professor vivente. O projeto já existia em anos anteriores e desenvolvido por outros professores outrora lotados nesta mesma condição, entretanto, notou-se que Projeto de Vida, assim como outras disciplinas de cunho sócio emocional ganharam maior visibilidade e importância, até entre o corpo docente, no período pós pandemia, visto que muito

alunos passaram a apresentar dentro do espaço escolar crises de ansiosas e depressivas, apontando uma maior necessidade da escola prestar esse suporte, de forma a auxiliar tanto em reflexões como em possíveis encaminhamentos ao psicólogo.

O número de participantes, é outro fator pré-determinado pela secretaria de educação, tendo as turmas tem em média 45 alunos, totalizando em torno de 180 alunos ao todo que participaram das aulas da disciplina ministrada. As aulas seguem um plano de aula norteador em tempo e temática, desenvolvido pelo Instituto Aliança, intitulado “plano de aula das EEEP, Projeto de Vida”.

Na aula inicial é explicado sobre o que são as aulas da disciplina, quais as temáticas das aulas e como é a divisão no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, além de ser realizado um contrato de confidencialidade entre os alunos da turma e o professor, embora seja ressaltado que, situações que envolvam risco à integridade física ou emocional do aluno serão encaminhadas ao setor pedagógico e aos responsáveis legais, conforme as diretrizes da SEDUC.

O foco de temática destas vivências pode ser analisado melhor analisando o sumário do caderno de Projeto de vida de acordo como é disponibilizada pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC, [s. d.]):

1º BIMESTRE

CONTEÚDOS / AULA CARGA HORÁRIA

ACOLHIDA

- **Aula 1:** Apresentação da Disciplina Projeto de Vida 50’
- **Aula 2:** Conhecendo as Normas/Regras da Escola 50’
- **Aula 3:** Memória Fotográfica I 50’
- **Aula 4:** Memória Fotográfica II 50’
- **Aula 5:** Saúde e Qualidade de Vida 50’

SAÚDE EMOCIONAL

- **Aula 1:** A Importância da Saúde Emocional 50’

- **Aula 2:** Auto Retrato I 50'
- **Aula 3:** Auto Retrato II 50'
- **Aula 4:** Autoestima 50'
- **Aula 5:** Meus Pensamentos 50'
- **Aula 6:** O Que Ficou de Bom e de Ruim 50'
- **Aula 7:** Linha da Vida 50'
- **Aula 8:** Controle Emocional I 50'
- **Aula 9:** Controle Emocional II 50'
- **Aula 10:** Distúrbios Alimentares 50'
- **Aula 11:** Como eu Me vejo? 50'
- **Aula 12:** Bullying: Dentro dos Nossos Muros 50'
- **Aula 13:** Bullying: Eu Participo? 50'
- **Aula 14:** Cyberbullying I 50'
- **Aula 15:** Cyberbullying II 50'
- **Aula 16:** Você e a Rede Social 50'
- **Aula 17:** A Onda é Incluir 50'
- **Aula 18:** Árvore da Minha Existência I 50'
- **Aula 19:** Árvore da Minha Existência II 50'
- **Aula 20:** Não Estou Sozinho 50'
- **Aula 21:** Mandala da Vida I 50'
- **Aula 22:** Mandala da Vida II 50'
- **Aula 23:** O Que é Resiliência? I 50'
- **Aula 24:** O Que é Resiliência? II 50'
- **Aula 25:** Resiliência: Quem Disse Que é Fácil? 50'

2º BIMESTRE

CONTEÚDOS / AULA CARGA HORÁRIA

SAÚDE FÍSICA

- **Aula 1:** A Importância da Saúde Física e Mental 50'
- **Aula 2:** Hábitos Alimentares – Mastigando uma Vida Saudável 50'
- **Aula 3:** Culto ao Corpo I 50'

- **Aula 4:** Culto ao Corpo II 50'
- **Aula 5:** Meu Corpo, Meus Cuidados 50'
- **Aula 6:** Higiene Pessoal, Ambiental e Alimentar I 50'
- **Aula 7:** Higiene Pessoal, Ambiental e Alimentar II 50'
- **Aula 8:** Importância da Amizade 50'
- **Aula 9:** Namoro e Amizade I 50'
- **Aula 10:** Namoro e Amizade II 50'
- **Aula 11:** Homem e Mulher – Relações de Gênero I 50'
- **Aula 12:** Homem e Mulher – Relações de Gênero II 50'
- **Aula 13:** Homem e Mulher – Relações de Gênero III 50'
- **Aula 14:** Paternidade/Maternidade: Agora ou Depois? I 50'
- **Aula 15:** Paternidade/Maternidade: Agora ou Depois? II 50'
- **Aula 16:** O que são Drogas? 50'
- **Aula 17:** O Crack e outras Drogas 50'
- **Aula 18:** Em Busca dos Porquês 50'
- **Aula 19:** Ouvi Dizer... 50'
- **Aula 20:** Qualidade de vida 50'

ENTRE O SONHO E A AÇÃO

- **Aula 1:** Escolha um objetivo 50'
- **Aula 2:** Destino 50'
- **Aula 3:** Quem sou Eu? 50'
- **Aula 4:** Escolhas I 50'
- **Aula 5:** Escolhas II 50'
- **Aula 6:** Minha Bandeira 50'
- **Aula 7:** Eu Acredito em Mim 50'
- **Aula 8:** O que Quero ser Quando Crescer? 50'
- **Aula 9:** Meu Projeto de Vida e Meu Cuidado com a Saúde Física 50'
- **Aula 10:** O Tempo de Conquistar é Hoje 50'

3º BIMESTRE

CONTEÚDOS / AULA CARGA HORÁRIA

SAÚDE INTELECTUAL

- **Aula 1:** Saúde Intelectual 50'
- **Aula 2:** Corpo e mente: equilíbrio entre intelecto e físico 50'
- **Aula 3:** As Novas Gerações: Eu Quero e Quero Agora! 50'
- **Aula 4:** Identidade Cultural 50'
- **Aula 5:** Conhecer para crescer: as crenças nossas de cada dia 50'
- **Aula 6:** Aprender a Aprender 50'
- **Aula 7:** Estilos de Aprendizagem I 50'
- **Aula 8:** Estilos de Aprendizagem II 50'
- **Aula 9:** Inteligências múltiplas I – a Arte e a Música 50'
- **Aula 10:** Inteligências múltiplas II – inteligências Corporal e Lógica 50'
- **Aula 11:** Linguagem Corporal: Ferramenta de Comunicação 50'
- **Aula 12:** Inteligência Linguística I 50'
- **Aula 13:** Inteligência Linguística II 50'
- **Aula 14:** Meios de Comunicação – A influência da mídia 50'
- **Aula 15:** Desenvolvendo Opiniões 50'
- **Aula 16:** Jornal Vivo 50'
- **Aula 17:** A Inteligência Interpessoal 50'
- **Aula 18:** Os Códigos da Modernidade 50'
- **Aula 19:** Escrevendo as linhas de minha história escolar 50'
- **Aula 20:** Escrevendo as linhas de minha história escolar II 50'

ENTRE O SONHO E A AÇÃO

- **Aula 1:** Meu Projeto Intelectual I 50'
- **Aula 2:** Meu Projeto Intelectual II 50'
- **Aula 3:** Qual o seu tipo de inteligência? – I 50'
- **Aula 4:** Qual o seu tipo de inteligência? – II 50'
- **Aula 5:** Qual o seu tipo de inteligência? – III 50'
- **Aula 6:** Minha Estrela Intelectual I 50'

- **Aula 7:** Minha Estrela Intelectual II 50'
- **Aula 8:** Habilidade de Aprender I 50'
- **Aula 9:** Habilidade de Aprender II 50'
- **Aula 10:** Que tal um tempinho a mais? 50'

4º BIMESTRE

CONTEÚDOS / AULA CARGA HORÁRIA

SAÚDE ESPIRITUAL

- **Aula 1:** O Divino, Expresso em Nós 50'
- **Aula 2:** O Que é Mesmo Espiritualidade? I 50'
- **Aula 3:** O Que é Mesmo Espiritualidade? II 50'
- **Aula 4:** A vivência da Energia Espiritual em Diferentes Momentos 50'
- **Aula 5:** Cuidando de Sua Morada 50'
- **Aula 6:** Mente Sã em Corpo São 50'
- **Aula 7:** Corpo, Mente e Alma em Sintonia 50'
- **Aula 8:** O que eu valorizo: ter ou ser? 50'
- **Aula 9:** Partilhar e Compartilhar 50'
- **Aula 10:** Quando eu Falo com Deus 50'
- **Aula 11:** É preciso saber viver 50'
- **Aula 12:** Minha Lista de Prioridades 50'
- **Aula 13:** Insistir, Persistir e Jamais Desistir 50'
- **Aula 14:** Limpando as Energias ao meu Redor 50'
- **Aula 15:** Esperar Cair do Céu ou Fazer Acontecer? 50'

ENTRE O SONHO E A AÇÃO

- **Aula 1:** Quem sou eu hoje! 50'
- **Aula 2:** Quem sou eu hoje! – Continuação 50'
- **Aula 3:** Conhece a ti mesmo! 50'
- **Aula 4:** Meus valores 50'

- **Aula 5:** Minha avaliação: O que levo comigo desse ano? 50'
- **Aula 6:** Imagine... 50'
- **Aula 7:** Se o ano começasse agora, o que eu faria diferente? 50'
- **Aula 8:** Histórias da vida 50'
- **Aula 9:** Tudo é uma questão de continuidade 50'
- **Aula 10:** Meu presente, passado e futuro 50'

Cada uma dessas aulas está programada para durar em torno de 50 minutos, assim como está no material, entretanto, há uma adaptação de acordo com a turma e o número de alunos, visto que é uma disciplina executada com foco nas vivências do educando, então, depende da quantidade de discentes que estão dispostos a explicar com o resto da sala seus sentimentos, do tempo que cada um leva, da profundidade do toque emocional.

Há em educação o que descreveu Schön (1995) que é o sentimento de surpresa do profissional frente a percepção da reflexão-ação, levando a uma compreensão do se encontra implícito em sua ação, ou seja, nesta base curricular, o professor, vivencia o material antes da execução da aula, durante, devido a exposição e angulo de visão dos alunos e depois, ao refletir e amadurecer o que levou a cada um dos que fizeram parte do estudo ter aquele posicionamento. Devido a esse processo, o responsável pela disciplina, vivencia o material de forma mais profunda.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos ao longo da vivência pedagógica mostraram-se intrinsecamente relacionados à perspectiva da pedagogia crítica freireana, em que o processo educativo é concebido como uma prática libertadora e transformadora. Conforme destaca Freire (2014), educar é um ato político e ético que se concretiza na dialogicidade entre sujeito e sociedade, rompendo com o modelo bancário de ensino e possibilitando a conscientização e a emancipação do educando. No contexto aqui rela-

tado, essa concepção mostrou-se presente na prática cotidiana, na escuta sensível das histórias de vida dos estudantes e na construção coletiva do saber, permitindo que o espaço escolar deixasse de ser apenas um local de transmissão de conteúdos e se tornasse também um ambiente de cuidado, acolhimento e reconstrução subjetiva.

A partir das atividades desenvolvidas, percebeu-se que a integração entre a dimensão cognitiva e a socioemocional foi essencial para o fortalecimento dos vínculos entre alunos e professores. As rodas de conversa, os momentos de reflexão e as dinâmicas sobre empatia e saúde mental possibilitaram que os discentes reconhecessem suas próprias fragilidades e potencialidades, desenvolvendo uma nova forma de perceber o outro. Essa vivência dialoga com o pensamento freireano, segundo o qual o conhecimento se constrói na relação dialógica entre os sujeitos, e não na simples transferência de saberes. Tal processo de apropriação crítica do conhecimento refletiu-se não apenas nas aulas do componente curricular Projeto de Vida, mas também em outras disciplinas, em que os alunos passaram a demonstrar maior capacidade de colaboração e respeito às diferenças.

Observou-se, ainda, que a abordagem pedagógica fundamentada na escuta ativa e no reconhecimento da singularidade de cada estudante contribuiu para um ambiente escolar mais saudável e menos excludente. Essa mudança se deu tanto na postura dos educadores quanto na dos próprios discentes, que começaram a compreender que o ato de acolher ultrapassa as boas-vindas iniciais – trata-se de compreender a trajetória do outro, suas dores e condições de existência. Muitos estudantes enfrentavam realidades complexas fora da escola: longas distâncias percorridas diariamente, dificuldades financeiras, problemas familiares e até situações de rejeição em razão da orientação sexual ou identidade de gênero. Reconhecer essas condições foi o primeiro passo para repensar as práticas pedagógicas e promover uma educação verdadeiramente humanizadora.

Ao modificar sua concepção sobre o ser com quem compartilha o espaço educativo, o professor passa a perceber que o ensino não pode ser compartimentado em “caixinhas disciplinares”, pois o conhecimento e

a vida se entrelaçam. Mesmo que as estruturas institucionais imponham uma divisão curricular, a vivência diária demonstra que o aprendizado é atravessado por dimensões éticas, afetivas e sociais. Nesse sentido, a escola é convocada a romper com seu papel histórico de reprodutora de desigualdades e a assumir uma postura crítica diante das opressões contemporâneas. Como afirma Freire (2014), o educador comprometido com a libertação não pode ser neutro; ele precisa tomar partido da humanização e da justiça social.

Em diversos momentos, surgiram relatos de estudantes que vivenciaram situações de dor e exclusão. Escutar esses testemunhos foi um exercício constante de empatia e resiliência para o docente. Não existe um manual que ensine a lidar com o impacto emocional de ouvir histórias marcadas por maus-tratos, violência doméstica ou discriminação. O professor, muitas vezes, sente-se dividido entre o desejo de intervir e os limites de sua atuação institucional. Essa vivência revela uma dimensão importante da prática docente: o enfrentamento das próprias emoções e o reconhecimento dos limites de seu papel social. Assim, a experiência mostrou que o professor precisa também de espaços de acolhimento e formação continuada que o preparem para lidar com a complexidade humana presente na escola.

A atuação pedagógica diante dessas situações exige um equilíbrio delicado entre acolher e encaminhar, pois o educador não deve carregar sozinho problemas que ultrapassam sua esfera de competência. Nesse ponto, torna-se essencial o trabalho em rede, com o apoio de psicólogos, assistentes sociais e gestores escolares. A saúde mental docente também se mostrou um fator determinante para a continuidade de práticas pedagógicas afetivas e conscientes. A experiência demonstrou que o educador, para ser mediador, precisa cuidar de si, compreender suas emoções e reconhecer seus limites. A escuta sensível não é passiva; ela requer preparo emocional, formação ética e suporte institucional.

Essa percepção dialoga com Santos (2018), que propõe pensar a formação docente enquanto práxis – uma ação-reflexão transformadora que

se realiza na realidade concreta. O docente, ao se engajar criticamente com sua prática, torna-se capaz de reinventar caminhos e criar novas formas de interação pedagógica. Assim, o espaço escolar se torna também um campo de produção de subjetividades e de transformação social, em que professores e alunos se constroem mutuamente. Nessa perspectiva, os resultados apontam para a importância de compreender o processo educativo como um fenômeno coletivo, no qual todos os sujeitos têm voz e legitimidade para contribuir.

Durante as atividades, observou-se que os alunos, ao perceberem que suas histórias eram escutadas com respeito, passaram a se expressar com mais segurança e a se engajar nas discussões propostas. As práticas de diálogo horizontal, a valorização das experiências pessoais e o estímulo à autorreflexão fortaleceram o sentimento de pertencimento ao grupo. Esse movimento rompeu, gradualmente, com a lógica da hierarquia rígida que ainda permeia muitas instituições escolares, aproximando-se de um modelo mais democrático e participativo. Como afirma Freire (2014), a educação libertadora se realiza na relação horizontal entre sujeitos, em que o educador aprende com o educando e vice-versa.

Além disso, o componente curricular Projeto de Vida mostrou-se um espaço fértil para o desenvolvimento de competências socioemocionais. Por meio de atividades de autoconhecimento, planejamento pessoal e reflexão coletiva, os estudantes começaram a projetar seus futuros com mais clareza, reconhecendo o valor de suas origens e o potencial de suas trajetórias. Essa construção subjetiva reforça o papel da escola como ambiente de formação integral, capaz de integrar razão e emoção, conhecimento técnico e sabedoria de vida. O resultado mais evidente foi a transformação do clima escolar: estudantes mais empáticos, professores mais sensíveis e relações mais cooperativas.

Outro aspecto relevante observado foi o impacto das práticas socioemocionais nas demais disciplinas. Professores relataram melhora no comportamento, na atenção e na disposição dos alunos para o aprendizado. Ao se sentirem valorizados e compreendidos, os discentes

demonstraram maior interesse pelas aulas e maior envolvimento nas atividades. Esse resultado corrobora os estudos de Damásio (2011) e Goleman (2007), que apontam a emoção como elemento fundamental da aprendizagem significativa. A educação que ignora as dimensões afetivas reduz o aluno a um receptor passivo de informações; aquela que as reconhece, por sua vez, promove o desenvolvimento pleno do ser humano.

A experiência também revelou que a empatia é um dos pilares da convivência escolar e da saúde mental coletiva. Trabalhar o olhar empático não significa apenas compreender o outro, mas se colocar eticamente diante da diferença, exercitando o respeito, a solidariedade e a escuta. A prática pedagógica freireana propõe exatamente isso: que o educador seja capaz de amar o ato de ensinar, reconhecendo que educar é um gesto de esperança. Nesse contexto, cada diálogo travado com os alunos tornou-se um ato de resistência contra a indiferença, uma oportunidade de humanizar as relações e reconstruir a confiança no ambiente escolar.

Por fim, os resultados desta experiência evidenciam que as práticas educativas baseadas na escuta, na empatia e na valorização das diferenças produzem efeitos que ultrapassam os limites da sala de aula. Elas contribuem para a formação de sujeitos críticos, conscientes de seus direitos e deveres, e capazes de agir de forma ética e solidária em sociedade. Essa é, em essência, a materialização da pedagogia freireana: transformar o ato de ensinar em um ato político e amoroso, que ressignifica a escola como espaço de libertação e não de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação socioemocional se consolida, no contexto atual da educação brasileira, como um eixo indispensável para a formação integral do sujeito. Sua relevância vai além da transmissão de conteúdos e alcança dimensões humanas mais amplas, relacionadas ao autoconhecimento, à empatia e ao fortalecimento das relações interpessoais dentro e fora da escola. Ao promover espaços de escuta e diálogo, essa abordagem esti-

mula a construção de vínculos saudáveis, a valorização das experiências individuais e coletivas e o desenvolvimento de competências que favorecem a convivência, a autonomia e a criticidade. Trata-se, portanto, de uma dimensão educativa que responde às demandas emocionais e sociais de uma geração marcada por mudanças rápidas, intensas e, muitas vezes, desafiadoras.

A vivência relatada ao longo deste trabalho evidenciou que o investimento em práticas pedagógicas voltadas ao socioemocional repercute de forma direta na qualidade de vida dos alunos e, simultaneamente, dos professores. O ambiente escolar passou a se configurar como um espaço de pertencimento e acolhimento, em que o aprender está intrinsecamente ligado ao sentir e ao se perceber no mundo. A partir das experiências desenvolvidas, observou-se um fortalecimento dos laços afetivos, maior envolvimento dos estudantes nas atividades e uma abertura crescente para o diálogo, a empatia e o respeito às diferenças. Esse movimento reflete a concepção freireana de educação como prática de liberdade, em que o processo de ensinar e aprender se dá em comunhão e em reciprocidade.

Por outro lado, a experiência docente também foi profundamente transformadora. O professor deixou de ser mero transmissor de conteúdo e assumiu o papel de mediador e partícipe das histórias e sentimentos que emergem da sala de aula. Esse processo demandou não apenas sensibilidade, mas também autoconhecimento e preparo emocional para lidar com situações que extrapolam o conteúdo formal das disciplinas. Assim como Goleman (2007) e Damásio (2011) defendem, a inteligência emocional é um fator determinante na capacidade de lidar com as próprias emoções e compreender as emoções alheias, favorecendo a convivência harmônica e o desenvolvimento de relações mais humanas e empáticas. Nesse sentido, o educador é convidado a olhar para si, reconhecer seus limites e compreender que, para cuidar do outro, é preciso também cuidar de si.

Durante o desenvolvimento das aulas de Projeto de Vida, foi possível notar que a abordagem socioemocional provocou reflexões significativas

entre os discentes sobre autopercepção, autoestima e convivência. Muitos estudantes, ao se expressarem nas atividades propostas, revelaram fragilidades emocionais e situações de vulnerabilidade familiar que, até então, eram silenciadas. Esse ato de compartilhar histórias e sentimentos mostrou-se fundamental para o fortalecimento dos vínculos afetivos dentro da escola, permitindo que o ambiente educativo se tornasse um espaço de acolhimento genuíno. Observou-se, ainda, que a convivência cotidiana, quando permeada pelo diálogo e pela escuta ativa, contribui para a construção de um senso coletivo de pertencimento, favorecendo a solidariedade e o respeito às individualidades.

Do ponto de vista institucional, percebe-se que a efetividade das ações socioemocionais depende, em grande medida, do suporte e do reconhecimento do papel do professor. É imprescindível que o cuidador também seja cuidado – como bem destaca Santos (2018), a práxis educativa deve ser entendida como um movimento contínuo de ação e reflexão que transforma tanto quem ensina quanto quem aprende. Sem um suporte emocional adequado e políticas públicas consistentes de valorização docente, há o risco de sobrecarga, adoecimento e perda do sentido do trabalho pedagógico. Portanto, investir em formação continuada e em redes de apoio emocional aos professores é uma condição essencial para a sustentabilidade de projetos dessa natureza.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à necessidade de ampliar o debate científico e político sobre a educação socioemocional no âmbito das escolas públicas. Embora o tema tenha ganhado visibilidade após a pandemia, as ações ainda são, em muitos casos, pontuais e dependentes da iniciativa individual dos educadores. Faz-se necessário um investimento mais robusto por parte das secretarias de educação, garantindo condições materiais e humanas para a implementação de práticas contínuas e significativas. Além disso, a pesquisa acadêmica precisa acompanhar essas transformações, registrando experiências exitosas e produzindo evidências que subsidiem políticas públicas efetivas e sustentáveis.

Assim, este relato de experiência reafirma a importância da integração entre emoção, razão e aprendizagem, demonstrando que o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento humano são processos inseparáveis. As vivências em sala de aula revelaram que quando o estudante é escutado, valorizado e compreendido em sua totalidade, o processo educativo torna-se mais autêntico, transformador e emancipador. O professor, por sua vez, ao se abrir para essa escuta, torna-se também sujeito do próprio processo de humanização e de reconstrução de sua prática pedagógica.

Portanto, a principal contribuição deste trabalho reside na constatação de que a educação socioemocional é um caminho possível e necessário para a reconstrução das relações escolares e sociais em tempos de crise e incerteza. Ela nos convida a repensar o papel da escola como espaço de formação integral, que prepara para a vida e não apenas para o mercado. Reforça, ainda, a urgência de políticas educacionais que considerem o ser humano em sua totalidade, com suas emoções, afetos e histórias. Mais do que ensinar conteúdos, o desafio contemporâneo é ensinar o sentido – e isso só é possível quando educar se torna um ato de empatia, diálogo e amorosidade, como defendeu Freire (2014).

Dessa forma, compreender a escola como espaço de construção de vínculos e de fortalecimento das dimensões humanas é compreender a essência do ato educativo. Acredita-se, assim, que o trabalho com o Projeto de Vida, articulado à educação socioemocional, representa um caminho fecundo para uma prática pedagógica que acolhe, transforma e emancipa, tanto o aluno quanto o professor, em um movimento contínuo de aprendizagem, sensibilidade e esperança.

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, António. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, Juliana Ormastroni de Carvalho. Perspectiva crítico-reflexiva e colaboração na formação do professor. *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, v. 4, n. 1, p. 85-99, 2018.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995. p. 77-92.

SILVA, Ruana Campos da; ARAÚJO, Fernanda Santos de; SILVA, Vilmar Martins da; BAUER, Rozilma Soares; RIBEIRO, Rose Mary Soares. Influência do ambiente escolar na Educação Infantil. In: *CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - CONEDU*, 6., 2019, João Pessoa. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/60806>. Acesso em: 21 out. 2025.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). *Projeto de Vida: planos de aula - 1º ano do ensino médio: caderno do professor*. Fortaleza: SEDUC, [s.d.]. Material elaborado com base na metodologia educacional do Instituto Aliança.